

Entre oclusivas alveolares e africadas: a percepção da (não)palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/ em Macaúbas (BA)

Between Alveolar Stops and Affricates: The Perception of the (No)palatalization of /t/ and /d/ before /i/ in Macaúbas (BA), Brazil

Sidélia Rêgo Reis¹

Vera Pacheco²

Resumo: Este estudo investiga a autopercepção identitária de falantes da comunidade de Macaúbas (BA) a partir da percepção do detalhe fonético fino relacionado à (não)palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal /i/. O objetivo central é examinar como diferentes realizações dos segmentos, palatalizadas e não palatalizadas, são percebidas e de que modo essas pistas fonéticas se associam a significados sociais e linguísticos vinculados ao falar local. A pesquisa fundamenta-se na perspectiva da sociofonética, especialmente em abordagens que tratam a variação fonética como recurso na construção de identidades. Metodologicamente, foram utilizados estímulos sonoros com e sem palatalização previamente gravados e disponibilizados em formulários on-line para a tarefa de percepção, sendo os dados analisados por meio de tratamento estatístico. Os resultados indicam que os falantes macaubenses não atribuem preferência categórica entre as variantes palatalizada e não palatalizada das oclusivas alveolares diante de [i], embora a variante não palatalizada apresente maior relevância na autopercepção dialetal em contextos específicos.

Palavras-chave: Sociofonética. Autopercepção identitária. (Des)palatalização. Oclusivas alveolares.

Abstract: This study investigates the identity self-perception of speakers from the community of Macaúbas (BA) based on the perception of fine phonetic detail related to the (de)palatalization of the alveolar stops /t/ and /d/ before the high vowel /i/. The main objective is to examine how different realizations, palatalized and non-palatalized, are perceived and how these phonetic cues are associated with social and linguistic meanings linked to the local speech. The study is grounded in a sociophonetic perspective, particularly in approaches that treat phonetic variation as a resource in the construction of identities. Methodologically, previously recorded audio stimuli were used and made available in online forms for the perception task, with the data analyzed through statistical procedures. The results indicate that speakers from Macaúbas do not show a categorical preference between the palatalized and non-palatalized variants of the alveolar stops before [i], although the non-palatalized variant presents greater relevance in dialect self-perception in specific contexts.

Keywords: Sociophonetics. Identity self-attribution. (De)palatalization. Alveolar stops.

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), Vitória da Conquista, BA, Brasil. Endereço eletrônico: Sideliarreis@gmail.com

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), Vitória da Conquista, BA, Brasil. Endereço eletrônico: vera.pacheco@gmail.com

Introdução

De acordo com Eckert (2008), diferentes maneiras de dizer estão intrinsecamente relacionadas a diferentes maneiras de ser, uma vez que as escolhas linguísticas realizadas pelos falantes podem sinalizar identidades sociais, posicionamentos e pertencimentos a determinados grupos. Levando em consideração o exposto, cumpre destacar que as consoantes /t/ e /d/ participam de um processo de alofonia no português brasileiro, uma vez que podem ser realizadas de diferentes maneiras a depender da variedade dialetal considerada, Nunes (2023, p. 60) pontua que “[t] e [tʃ] são alofones de /t/ e [d] e [dʒ] alofones de /d/”. Nessa linha de entendimento, em determinados contextos fonológicos, essas consoantes podem manifestar-se como oclusivas alveolares [t] e [d], enquanto, em outros, são realizadas como africadas pós-alveolares [tʃ] e [dʒ], como se observa nos pares “[t]ia” versus “[tʃ]ia” e “[d]ia” versus “[dʒ]ia”.

Nessa perspectiva, essa categoria de processo fonológico em questão não configura uma alteração de natureza fonêmica, mas antes variantes vinculadas a um mesmo fonema, cuja realização se encontra condicionada por fatores de ordem fonética e sociais. Tal variação evidencia a heterogeneidade intrínseca às práticas de fala das distintas comunidades linguísticas, sem que disso acarrete qualquer comprometimento da inteligibilidade, uma vez que o sistema linguístico, isto é, a forma fonológica subjacente, mantém-se estável, fator que assegura a intercompreensão no interior dessa pluralidade de realizações. À luz dessas considerações, o presente estudo volta-se, de modo específico, à análise do processo de (não)palatalização de oclusivas alveolares na cidade de Macaúbas, buscando elucidar os condicionamentos que regem sua ocorrência no âmbito do Português Brasileiro (doravante PB).

Conforme Hora (1993), ocorrências variáveis, como acontece em Macaúbas (BA), conforme proposto por Carmo e Baia (2014) e Reis e Pacheco (2024), estão relacionadas a uma série de fatores, tanto de natureza linguística quanto extralinguística. Tais fatores podem envolver condicionamentos estruturais da língua, como o contexto fonológico em que os segmentos ocorrem, bem como aspectos sociais que permeiam as práticas de fala, a exemplo de características socioculturais dos falantes, de suas redes de interação e de suas experiências linguísticas.

Entre os trabalhos registrados na literatura linguística brasileira, destacam-se, em um breve levantamento, os estudos de Bisol (1991) e Pagotto (2003), que investigam o fenômeno na região Sul do país, com foco na palatalização regressiva. Na região Sudeste, Carvalho (2002) também se dedica à análise do mesmo processo, igualmente privilegiando a palatalização regressiva. No contexto da região Nordeste, por sua vez, merecem destaque os trabalhos de Hora (1995), Mota e Rollemberg (1997) e Henrique e Hora (2012), os quais abordam tanto a palatalização regressiva quanto a progressiva, entre outros estudos que contribuem para a compreensão desse fenômeno em diferentes comunidades de fala. Cumpre mencionar que tais investigações se concentram, sobretudo, na descrição e análise dos padrões de ocorrência da palatalização em diferentes variedades do português brasileiro.

Considerando o contexto linguístico de Macaúbas, marcado pela coocorrência das variantes palatalizada e não palatalizada, emerge o seguinte questionamento: com qual dessas variantes o falante macaubense tende a se identificar? Parte-se da hipótese de que a variante não palatalizada seja percebida como mais representativa do falar local.

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa consiste em investigar o papel da (não)palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ no processo de autopercepção dialetal de falantes macaubenses, buscando compreender de que maneira essas variantes são reconhecidas e associadas ao falar local.

Para tanto, o artigo organiza-se da seguinte maneira: inicialmente, apresenta-se a fundamentação teórica, centrada nos pressupostos da sociofonética e nos estudos de percepção da fala; em seguida, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados; posteriormente, discutem-se os resultados obtidos à luz do referencial teórico mobilizado; e, por fim, apresentam-se as considerações finais e os possíveis desdobramentos da pesquisa.

Fundamentação Teórica

A palatalização é um fenômeno registrado em várias partes do Brasil e consiste na alofonia das consoantes de /t/ e /d/ em ambiente de /i/. Nesse processo, as oclusivas alveolares realizam-se como africadas alveopalatais, surda e sonora, em casos como [tʃ]ia

[dʒ]ia, respectivamente (Cagliari, 1974; Mota, Rolemberg, 1997). Para Hora (1993), nesses contextos, trata-se de um processo de assimilação antecipatória, em que um segmento tende a assumir propriedades de um segmento seguinte. De acordo com esse autor, “a palatalização deve ser compreendida como o espraçamento do traço [+coronal] da vogal e a consequente alteração do traço [+anterior] da consoante para [-anterior]” (Hora, 1993, p. 190). Ampliando a linha de raciocínio do linguista, pode-se afirmar, dentro do ponto de vista da Geometria de Traços (Clements; Hume, 1995), que há espraçamento do traço coronal [+distribuído] da vogal alta /i/ para as consoantes /t,d/ que são [-distribuído], tornando-as [+distribuído], como a vogal.

O processo de palatalização ou não das oclusivas alveolares perto de /i/ pode constituir uma pista importante na diferenciação dialetal. De acordo com Cristófaros-Silva et al (2012, p. 63), “há indícios de que o fenômeno de palatalização seja relativamente recente no português brasileiro tendo sido implementado, possivelmente, na década de 1950, nos centros urbanos”. Sendo, relativamente recente, como afirmam os autores, pressupõe-se, portanto, que a variante palatalizada não ocorra em todo o território nacional de forma categórica.

A variabilidade na predominância ou não da palatalização da oclusiva alveolar é um ponto bastante explorado por Abaurre e Pagotto (2002), ao investigar o falar de algumas capitais brasileiras. A época da pesquisa, os autores obtiveram os seguintes resultados: Rio de Janeiro e Salvador são duas capitais que se caracterizam por um falar fortemente palatalizado com porcentagem de palatalização de 100% e acima de 80%, respectivamente. Porto Alegre, com 59% de palatalização, e São Paulo, com 49%, por sua vez, tendem a ter uma produção palatalizada relativamente intermediária. Já Recife foi de longe a capital que se mostrou pouquíssimamente portadora da palatalização, com apenas uma porcentagem em torno de 7%. Assim como São Paulo e Porto Alegre, Macaúbas, no interior da Bahia, tende a ter uma realização intermediária de palatalização, como mostram Reis e Pacheco (2024), diferindo da capital do Estado, Salvador.

Os resultados encontrados por Battisti e Hermans (2008), ao discutirem dados de diferentes regiões do país, endossam os achados de Abaurre e Pagotto (2002) no que tange ao fato de que há localidades em que a palatalização ocorre de forma bastante produtiva,

enquanto em outras sua ocorrência é reduzida, o que demonstra a heterogeneidade de ocorrência desse fenômeno no português brasileiro

Se, por um lado, identificar o falar do outro a partir de um ou outro detalhe fonético (e.g. oclusiva com ou sem palatalização) como pertencente a determinada localidade é uma tarefa relativamente simples, por outro, reconhecer as próprias marcas dialetais nem sempre o é, como observou Labov (1972). Segundo o autor, muitos falantes tendem a avaliar sua própria fala como mais próxima da variedade prestigiosa do que ela efetivamente se apresenta em situações espontâneas. Paradoxalmente, enquanto o ouvinte externo utiliza traços dialetais como índices de origem geográfica, pertencimento social e escolarização, o próprio falante frequentemente acredita aproximar-se de uma variedade percebida menos marcada socialmente. Esse fenômeno relaciona-se ao que Labov (1972) denomina insegurança linguística, isto é, à percepção da distância entre a variedade utilizada pelo falante e a variedade socialmente prestigiada, o que favorece práticas de monitoramento e reavaliação da própria fala.

Em vista disso, se um detalhe fonético for considerado menos privilegiado, a tendência é de haver uma certa recusa por parte do falante em assumir esses traços no seu falar. Esse fato é demonstrado por Leite (2004) ao investigar sobre o /R/ retroflexo paulista. De acordo com a autora, os sujeitos investigados evitavam variantes associadas ao chamado “falar caipira”, substituindo-as por formas percebidas como mais prestigiosas, evidenciando acomodação e distanciamento simbólico de identidades estigmatizadas.

Do mesmo modo, pesquisas sobre percepção de sotaques e crenças linguísticas tais como as realizadas por Ramos (1997), Pinto (2014), Silva e Aguilera (2014), Carvalho e Rocha (2020), que investigam a ideia de “não ter sotaque” ou a avaliação social de variantes regionais, indicam que determinados falantes tendem a considerar sua própria variedade como neutra ou menos marcada, aproximando-se subjetivamente da norma de prestígio. Esses trabalhos corroboram a hipótese laboviana segundo a qual a insegurança linguística decorre da percepção da distância entre a variedade efetivamente utilizada pelo falante e aquela socialmente legitimada como modelo de prestígio.

Nesse sentido, verifica-se que a percepção dialetal é moldada por atitudes “que são uma espécie de disposição para reagir favorável ou desfavoravelmente a uma situação dialógica e que pode influenciar comportamentos positivos ou negativos quanto à

acomodação a um dialeto” (Silva; Gomes, 2020, p. 55). Desse modo, verifica-se que as atitudes linguísticas exercem papel fundamental na forma como os indivíduos percebem, avaliam e reconhecem determinadas variantes fonéticas como pertencentes ou não ao seu próprio dialeto. Assim, a percepção envolve mecanismos cognitivos e interpretativos que permitem ao ouvinte reconhecer, categorizar e atribuir sentidos sociais aos sons da fala (Cardoso 2021, p. 148).

Considerando essa conjuntura, Rocha e Pacheco (2022) salientam que a percepção dialetal mobiliza elementos não apenas linguísticos, mas também sociais, uma vez que o ouvinte tende a realizar avaliações sobre determinadas variedades linguísticas, podendo identificar-se ou não com elas (Rocha e Pacheco, 2022, p. 83). Portanto, a escuta linguística mostra-se atravessada por experiências sociais, identitárias e atitudinais, que influenciam diretamente a maneira como os sujeitos reconhecem e interpretam os diferentes falares.

Nesse cenário, estudos como o de Oushiro (2015; 2021) demonstram que a percepção envolve inferências automáticas e inconscientes realizadas pelos ouvintes diante da fala de determinados indivíduos. Nesse sentido, pode-se afirmar que o fenômeno da palatalização, em alternância com sua realização não palatalizada, passa a ser interpretado pelos falantes como um possível índice de pertencimento, identidade e posicionamento social, o que justifica a adoção de uma abordagem que articule dimensões fonético-fonológicas e sociais, tal como é preconizada pela Sociofonética (Thomas, 2011).

A sociofonética constitui, conforme afirmam Smith, Foulkes, Sóskuthy (2017), um campo ainda relativamente jovem e em expansão, sobretudo no contexto das pesquisas desenvolvidas no Brasil. Nessa direção, os autores afirmam ainda que “a sociofonética busca observar e explicar a ampla variedade de detalhes fonéticos finos que as pessoas produzem e compreendem em toda a diversidade de contextos sociais em que a fala é utilizada” (Smith, Foulkes e Sóskuthy, 2017, p. 5, tradução e grifos nossos)³. Desse modo, a sociofonética volta-se para a compreensão de como tais detalhes fonéticos finos podem indexar significados sociais e linguísticos, tanto para o falante quanto para o ouvinte, nos diferentes contextos em que a fala é produzida e processada. De acordo com Seara e Sosa

³ “Sociophonetics seeks to observe and explain the vast range of ‘fine phonetic detail’ that people produce and understand in the full range of social contexts in which speech is used.” (Foulkes, Sóskuthy e Smith, 2017, p. 5)

(2017, p. 52) “a sociofonética enfoca as relações entre a forma fonético-fonológica e fatores sociais, regionais e interacionais-comunicativos”.

Diante disso, torna-se pertinente incorporar à discussão sobre a palatalização ou não das oclusivas alveolares de macaubenses a dimensão perceptual envolvida, pois os estudos voltados à percepção da fala buscam compreender de que modo os ouvintes processam, interpretam e atribuem significados aos estímulos acústicos provenientes da fala. Cardoso (2014) evidencia que os falantes tendem a atribuir valores distintos às variedades linguísticas por meio de julgamentos subjetivos acerca dos modos de falar.

Isso posto, evidencia-se que a investigação da percepção da fala constitui um campo profícuo para compreender como os ouvintes mobilizam avaliações sociais diante das diferentes variantes fonéticas produzidas na fala. Assim, a percepção não se limita à identificação de diferenças acústicas entre segmentos, mas envolve também processos sociais e identitários por meio dos quais os falantes associam determinadas formas linguísticas a grupos sociais, identidades ou variedades dialetais.

Desse modo, com base em Smith, Foulkes e Sóskuthy (2017, p. 5, tradução nossa)⁴, pode-se afirmar que “[...] falar e ouvir são enfatizados como atividades humanas colaborativas e orientadas por objetivos [...]” Logo, a produção e a percepção da fala são compreendidas como processos interdependentes, uma vez que a realização fonética por parte do falante e a interpretação desses sinais pelo ouvinte constituem dimensões complementares da comunicação linguística.

A heterogeneidade observada no processo de (des)palatalização aponta, portanto, para a natureza variável e socialmente condicionada desse fenômeno. Em vista disso, sua análise demanda um enquadramento teórico que contemple a interface entre aspectos fonéticos e sociais, como propõe a sociofonética. Levando em consideração tais pressupostos, a presente pesquisa busca investigar a percepção dialetal de falantes macaubenses no que se refere ao fenômeno da (não)palatalização das oclusivas alveolares, seguindo as etapas metodológicas descritas na seção a seguir.

⁴ “[...] Speaking and listening are emphasised as collaborative and goal-driven human activities, interwoven with other modes of behaviour including physical gesture [...]” (Foulkes, Sóskuthy e Smith, 2017, p. 5).

Metodologia

Nesta seção, apresenta-se o delineamento metodológico da pesquisa, contemplando: 1) a seleção das unidades lexicais utilizadas na elaboração dos estímulos experimentais; 2) a seleção dos locutores, bem como a gravação e validação dos estímulos sonoros; 3) a preparação dos estímulos para o teste de percepção; 4) a aplicação do teste perceptual junto aos participantes; e 5) a tabulação, definição das variáveis e análise estatística dos dados.

1) Seleção das unidades lexicais empregadas na elaboração dos estímulos experimentais

Inicialmente, procedeu-se à seleção de palavras que apresentassem a ocorrência das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ em posição precedente à vogal /i/, considerando-se sua estrutura fonotática. Pacheco (2023) define fonotaxe como “as regras de combinação de fonemas do português” (Pacheco, 2023, p. 250). A escolha desse contexto específico justifica-se pelo fato de que ele configura um ambiente fonológico propício à manifestação do fenômeno da palatalização. Conforme apontam Battisti e Hermans (2016), a vogal [i], caracterizada como alta, anterior e não arredondada, configura-se como o principal gatilho para a ocorrência da palatalização das oclusivas alveolares no português brasileiro. Além disso, consideraram-se também fatores de natureza prosódica, uma vez que diferentes estudos têm evidenciado que aspectos como a tonicidade e a posição da sílaba no vocábulo desempenham papel relevante na aplicação da regra de palatalização.

Convém destacar ainda que, Pelayes (2022), ao discutir o fenômeno da palatalização das oclusivas alveolares, retoma investigações anteriores e aponta que Henrique e Hora (2012) observaram que sílabas tônicas tendem a favorecer a aplicação da regra de palatalização. A autora também menciona o estudo de Santos (1996), que, ao examinar esse mesmo fator, verificou que sílabas em posição pós-tônica constituem um ambiente particularmente favorável à realização da palatalização das oclusivas alveolares. Em contrapartida, Hora (1990), ao analisar a variável tonicidade, identificou que a sílaba pretônica inicial se configura como um dos contextos que mais condicionam a ocorrência desse fenômeno. Diante desse panorama, estabeleceram-se três grupos de itens lexicais, organizados de acordo com a posição da sílaba em relação à tonicidade. No grupo das

sílabas tônicas, foram selecionadas as palavras *tia*, *tigre*, *notícia*, *día*, *dica* e *pedido*. No grupo das sílabas pretônicas, incluíram-se os vocábulos *timidez*, *instituto*, *datilografia*, *disseram*, *medicina* e *crediário*. Por fim, no grupo das sílabas pós-tônicas, foram consideradas as palavras *rádio*, *ódio*, *crítica*, *ótimo* e *ética*.

Posteriormente, as palavras selecionadas foram inseridas na frase-veículo, *Digo _____ para ele*, estratégia frequentemente empregada em experimentos de percepção, uma vez que possibilita a produção do item-alvo em um contexto fonético mais controlado. Braga (2023) pontua que esse método é utilizado para homogeneizar o ambiente fonético e atenuar possíveis variações prosódicas, como variações de entonação, ritmo e duração, o que pode influenciar a percepção dos estímulos pelos ouvintes. Além disso, as vogais presentes na frase-veículo são vogais que não trazem pistas dialetais tais como as vogais médias abertas e médias fechadas em sílaba pretônica. Dessa forma, foi possível avaliar a percepção dialetal tendo como única pista possível as alofonias palatalizada ou não das consoantes alveolares perto de [i].

2) Seleção dos locutores, gravação e validação dos estímulos sonoros utilizados na tarefa de percepção

Após a definição das palavras-alvo e das frases-veículo, procedeu-se à preparação preliminar dos estímulos a serem empregados na tarefa perceptual. Na sequência, realizou-se a seleção dos locutores responsáveis pela gravação dos áudios. Para essa etapa da pesquisa, contou-se com a colaboração de cinco homens, com faixa etária entre 25 e 36 anos, oriundos de diferentes localidades, como descrito a seguir, cujos tendem, de um modo geral, a apresentar ou não a palatalização de consoantes alveolar antes de [i], assim distribuídos:

- 2 falantes naturais de Macaúbas, município que constitui o foco central deste estudo: 1 falante em cuja fala apresentava-se sistematicamente a palatalização da oclusiva antes de [i] e o outro que não apresentava o processo assimilatório. Dessa forma, objetivou-se gerar estímulos para os juízes macaubenses com as duas variantes, mantendo-se todas demais características desse falar;
- 1 falante de Vitória da Conquista, cidade baiana que dista de Macaúbas em aproximadamente 350 km. Os moradores de Macaúbas têm grande relação com Vitória da Conquista para fins de trabalho, estudo, médico, lazer, etc;

- 1 falante de Salvador, capital do estado da Bahia, que dista de Macaúbas cerca de 680 km e cujo falar tende a se caracterizar pela palatalização da oclusiva alveolar. O uso de um estímulo sonoro dessa cidade foi pensado para servir como um controle de palatalização de um falar do mesmo estado, porém com menos relevância socioeconômica para a cidade alvo da pesquisa;
- 1 falante natural de Euclides da Cunha, cidade baiana que se localiza na região nordeste da Bahia, e dista de Macaúbas aproximadamente 660 km. A cidade de Euclides da Cunha tem casos bastante recorrentes de falantes que não palatalizam a oclusiva alveolar perto de [i]. A inserção desse estímulo teve por base a necessidade de ter um estímulo sem palatalização proveniente do mesmo estado;
- 1 falante natural de Recife, cidade capital do estado de Pernambuco, e dista de Macaúbas a aproximadamente 1150 km. O falar de falantes naturais de Recife se caracteriza pela presença expressiva da não palatalização. Optou-se pela inserção desse falar com vistas a ter uma fala representativa de um caso bem prototípico de consoante não palatalizada.

Em virtude da distância geográfica entre os colaboradores, as gravações foram realizadas de modo remoto. Para tanto, os locutores foram orientados a utilizar o aplicativo WhatsApp para o envio dos áudios. A fim de minimizar possíveis interferências na qualidade sonora, e, conseqüentemente, evitar prejuízos à tarefa de percepção, foram fornecidas instruções detalhadas aos participantes, recomendando-se a realização das gravações em ambientes silenciosos e acusticamente mais controlados, preferencialmente com a presença de elementos como cortinas, tapetes ou outros materiais que contribuíssem para a atenuação de ruídos e reverberações, bem como manter distância de no máximo 20 cm entre o celular e a boca.

Após a coleta, os estímulos passaram por validação acústica. Em termos fonético-acústicos, as oclusivas alveolares caracterizam-se pela obstrução momentânea do fluxo de ar, seguida de uma liberação abrupta. Conforme destaca Enéas Filho (2024), esses segmentos apresentam uma breve fase de silêncio, seguida por uma explosão acústica e, em casos de segmentos vozeados, pela presença de energia de baixa frequência durante a oclusão. Entre os principais parâmetros analisados, destacou-se o *Voice Onset Time* (VOT), definido como o intervalo entre a liberação da oclusão e o início da vibração das pregas vocais, parâmetro relevante para a distinção entre diferentes realizações oclusivas.

No caso das africadas, Reis, Malta e Paixão (2016) ressaltam que esses segmentos apresentam uma fase de distensão mais longa, acompanhada de ruído fricativo, configurando uma unidade articulatória e fonológica específica. Sendo assim, a análise acústica dos estímulos permitiu verificar a presença ou ausência de características associadas à palatalização, assegurando maior controle experimental na elaboração da tarefa perceptual. A partir dessa decisão metodológica, foi possível delinear quatro condições experimentais, apresentadas no Quadro 2, item (4). Concluída a etapa de gravação, iniciou-se o processo de preparação dos estímulos sonoros nas condições experimentais delineadas, destinados à aplicação do teste de percepção.

3) Preparação dos estímulos sonoros para o teste de percepção.

O teste é estruturado a partir de duas tarefas perceptuais: discriminação e identificação. De acordo com Rocha e Pacheco (2022), “uma tarefa de discriminação requer que um juiz discrimine um estímulo específico entre vários estímulos apresentados” (Rocha e Pacheco, 2022, p.86). Além da tarefa de discriminação, o experimento incluiu também uma tarefa de identificação. Conforme descrevem Rocha e Pacheco (2022), nessa modalidade “cabe ao juiz, diante de um único estímulo, identificar, entre algumas opções que lhe são apresentadas, aquela que melhor descreve ou representa o estímulo em questão” (Rocha e Pacheco, 2022, p.86).

No âmbito do delineamento geral da investigação, nesta etapa inicial procedeu-se exclusivamente à aplicação do teste de percepção. Para a primeira fase, correspondente à tarefa de discriminação, foram necessárias subetapas voltadas ao tratamento, à padronização e à adequação técnica dos áudios fornecidos pelos participantes responsáveis pelas gravações. Considerando que os testes seriam disponibilizados aos juízes por meio da plataforma Google Forms, tornou-se necessária a conversão dos arquivos sonoros para um formato compatível com a interface de reprodução. Tal procedimento visou assegurar a adequada execução dos estímulos em diferentes dispositivos, como aparelhos móveis e computadores, contribuindo para a consistência das condições de escuta e a confiabilidade dos dados coletados.

Inicialmente, os áudios, originalmente disponibilizados no formato *.ogg*, foram submetidos a um processo de conversão para o formato *.mp3* e, posteriormente, para *.mp4*, de modo a possibilitar sua adequada incorporação em arquivos audiovisuais. Tais procedimentos de transcodificação foram realizados por meio de ferramentas digitais de acesso online⁵, garantindo a compatibilidade dos arquivos com as plataformas de aplicação dos testes e a padronização dos estímulos utilizados ao longo da etapa experimental. A partir desse procedimento, tornou-se possível a inserção dos estímulos em formato de vídeos curtos na plataforma de compartilhamento YouTube, o que viabilizou sua posterior vinculação aos formulários aplicados. Desse modo, conforme ilustrado na Figura 1, observa-se a apresentação prévia das opções de resposta, seguidas pela disponibilização dos estímulos sonoros, de modo a assegurar a continuidade da tarefa e a padronização das condições de resposta dos participantes.

Figura 1. Visualização do teste de discriminação

Audio 1

Audio 2

Audio 3

...

A) Após a escuta dos áudios abaixo, indique qual deles você julga ser de um falante de Macaúbas.

☐ Áudio 1

☐ Áudio 2

☐ Áudio 3

☐ Nenhuma das opções

Fonte: elaboração própria

⁵ Sites utilizados para as conversões: [Online Audio Converter - Converta sons em MP3, WAV, MP4, M4A, OGG ou toques para o iPhone](#); [Online Converter - Convert Image, Video, Audio, & Document Files](#)

4) Aplicação do teste perceptual junto aos participantes

Considerando que este trabalho envolve pesquisa com seres humanos, sua realização foi previamente submetida à apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia a partir do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 93358925.1.0000.0055. Dessa maneira, no início do formulário foi disponibilizado aos participantes um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual eram apresentadas as informações relativas aos objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como a consulta acerca do aceite em participar do estudo. Apenas após a manifestação de concordância por parte do participante era possível prosseguir para as demais etapas do formulário.

No que diz respeito à estrutura do instrumento de coleta, inicialmente foram apresentadas perguntas de caráter sociolinguístico, uma vez que tais informações se mostram relevantes para a interpretação e análise dos resultados obtidos. Assim, os participantes responderam a questões referentes a nome, idade, gênero, escolaridade, profissão ou ocupação, local de nascimento, histórico de residência na cidade e experiências de vivência em outras localidades. Após o preenchimento dessas informações, o formulário direcionava o participante para a realização do teste de percepção propriamente dito, composto, nesse momento, pela tarefa de discriminação, conforme supramencionado. Cumpre mencionar que o link de acesso ao formulário do Google, contendo os áudios hospedados no YouTube, foi enviado aos falantes macaubenses por meio das redes sociais.

A partir dessa estrutura, para a tarefa de discriminação, foram apresentados três estímulos, distribuídos em quatro condições experimentais, conforme se observa no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1. Composição dos estímulos nas condições experimentais apresentadas no teste de percepção referente à tarefa de discriminação

Condição experimental	Composição dos estímulos		
Condição experimental 1	Macaúbas Com Palatalização	Salvador Com Palatalização	Vitória da Conquista Com Palatalização
Condição experimental 2	Macaúbas Sem Palatalização	Euclides da Cunha Sem palatalização	Recife Sem palatalização
Condição experimental 3	Salvador Com Palatalização	Macaúbas Sem palatalização	Vitória da Conquista Com palatalização
Condição experimental 4	Recife Sem Palatalização	Macaúbas Com Palatalização	Euclides da Cunha Sem palatalização

Fonte: elaboração própria

Cada uma das 4 tarefas foi apresentada para o juiz com o seguinte comando: “Após a escuta dos áudios abaixo, indique qual deles você julga ser de um falante de Macaúbas”. Tão logo houvesse o término da apresentação dos três áudios, o participante deveria assinalar o número correspondente ao áudio que julgasse pertencer a um falante de Macaúbas, havendo ainda a possibilidade de selecionar a opção “nenhuma das alternativas”, que ele poderia marcar caso julgasse que nenhum dos três áudios apresentados correspondia ao de um conterrâneo seu. Dessa forma, foi possível testar a discriminação de juízes macaubenses de seu dialeto em relação aos demais que lhe eram apresentados. Dessa maneira, foi possível avaliar a preferência, ou não, bem como o reconhecimento das variantes oclusivas com e sem palatalização.

O formulário foi disponibilizado individualmente para 44 juízes sabidamente naturais de Macaúbas. Cada um dos juízes respondeu as 4 tarefas relacionadas às 4 condições experimentais, indicadas no formulário a eles apresentado como tarefa A), B), C) e D). Assim, para cada condição experimental foram geradas 44 respostas. Considerando que todos os juízes resolveram todas as tarefas, obteve-se um total de 176 respostas.

5) Tabulação, variáveis e análise estatística dos dados

A tabulação das respostas foi feita automaticamente pelo Google Forms. A partir dessa ferramenta, foi possível obter a frequência bruta e as percentagens das repostas, dados importantes para a análise das seguintes variáveis: a) Discriminação de macaubense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Macaúbas; b) Discriminação de macaubense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Euclides da Cunha; c) Discriminação de macaubense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Vitória da Conquista; d) Discriminação de macaubense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Recife; e, e) Não discriminação de macaubense a partir de estímulos gravados ou por locutores nativos de Macaúbas ou gravados nativos de localidades distintas de Macaúbas.

Com vistas a avaliar o papel das variantes oclusivas com e sem palatalização antes de [i] na discriminação do dialeto macaubense por juízes macaubenses, as frequências brutas, organizadas em tabelas de contingências 2x3, foram submetidas ao teste de Teste de Qui-Quadrado (χ^2) de Pearson, realizado por meio do Software Bioestat 5.3 (Ayres, 2007). Esse teste objetivou investigar se a presença da consoante não palatalizada exercia influência significativa na discriminação do falar macaubense.

Para tanto, em um primeiro momento da análise, foram testadas as seguintes hipóteses estatísticas: H_0 : a presença da variante não palatalizada não influencia na discriminação do falar macaubense; H_1 : a presença da variante não palatalizada influencia na discriminação do falar macaubense. Com isso, foi possível avaliar se os juízes discriminavam o dialeto macaubense tendo por base a não palatalização das oclusivas alveolares antes de [i]. Em um segundo momento, com vistas a avaliar se haveria uma certa preferência dos juízes pelas variantes palatalizadas ou não, foram testadas outras duas hipóteses estatísticas: H_0 : os juízes macaubenses não preferem a variante não palatalizada; H_1 : os juízes macaubenses preferem a variante não palatalizada.

Para fins desta pesquisa, o nível de significância estabelecido foi de 0,05. Assim, para os valores de $p > 0,05$, aceita-se H_0 e rejeita-se H_1 , por outro lado, para valores e $p \leq 0,05$, rejeita-se H_0 e aceita-se H_1 . Além do valor de p, que nos informa a probabilidade de que as variáveis palatalização e não palatalização da oclusiva estejam influenciando na discriminação do dialeto macaubense, o outro parâmetro estatístico que foi utilizado nesta

pesquisa foi o valor de χ^2 que nos informa a força de associação entre as variáveis estudadas. Quanto maior for esse valor, maior é o efeito da força de associação entre essas variáveis que, no presente estudo, foram o tipo consoante e discriminação do dialeto macaubense.

Resultados e Discussão

Esta seção apresenta os resultados encontrados na análise dos dados coletados na pesquisa, buscando discutir os padrões observados no processo de (não)palatalização das consoantes /t/ e /d/, bem como os fatores linguísticos e sociais que influenciam a ocorrência das variantes identificadas.

Quem está falando? A (não) palatalização como pista na tarefa de discriminação de falantes macaubenses por macaubenses

A percepção do próprio falar é um tema ainda envolto por muitas questões. Reconhecer o falar de um conterrâneo em meio a outros falares nem sempre é uma tarefa fácil (Preston, 1989). Como foi demonstrado até aqui, o objetivo desta pesquisa é avaliar qual das variantes palatalizada, produto de um processo de assimilação, de acordo com Hora (1993), ou não da oclusiva alveolar /t,d/ antes de [i] pode ser uma pista acústica na discriminação do falar macaubense que, conforme Reis e Pacheco (2024), é um dialeto baiano que se caracteriza pela coocorrência dessas duas variantes.

A fim de alcançar os objetivos propostos, realizou-se um teste de percepção com vistas a investigar qual das consoantes, oclusiva alveolar ou africada, produto da assimilação sofrida pela oclusiva, seria relevante na discriminação do falar macaubense por um outro macaubense. Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos e quais as suas possíveis implicações. Em um primeiro momento, tenciona-se verificar se os juízes macaubenses são capazes de discriminar dentre os estímulos de outros falares com e sem palatalização que lhes foram apresentados qual é o estímulo produzido por um conterrâneo seu. Em um segundo momento, busca-se avaliar qual das variantes da oclusiva, palatalizada ou não, é preferida pelos juízes macaubenses na tarefa de percepção.

Entre o [t]/[tʃ] e o [d]/[dʒ]: há uma preferência do macaubense?

A ocorrência de [tʃ] e [dʒ] no português brasileiro, como já demonstrado anteriormente, é o produto de um processo de espraçamento do traço [+coronal] da vogal [i] para a oclusiva alveolar (Hora, 1993), mais especificamente do traço [distribuído]. Assim, essas consoantes africadas são alofones nessa língua (Camara Jr., 1970) e servem, a princípio, como uma pista dialetal na identificação da origem do falante. Contudo, em uma mesma localidade, duas formas diferentes de dialetos distintos podem ocorrer, como é o caso de Macaúbas, cidade do interior baiano, em que se verifica a ocorrência concomitante das quatro consoantes adjacentes ao [i]: [t, tʃ, d, dʒ]. A análise dos dados por meio de Teste de Qui-Quadrado mostra que as variantes palatalizadas e não palatalizadas não constituem por si sós pista robusta para os juízes macaubenses identificar os locutores como pertencentes à comunidade linguística de Macaúbas, como pode-se verificar na Tabela 1.

Tabela 1. Frequências absolutas e percentuais de respostas dadas por juízes macaubenses nas tarefas de discriminação de falantes macaubenses a partir da audição de estímulos com e sem palatalização das oclusivas /t,d/ antes de [i] produzidos por locutores nativos de Macaúbas e nativos de localidades distintas

Oclusiva presente no estímulo	Discriminação de falante macaubense a partir de estímulos gravados por locutores nativos de Macaúbas e nativos de localidades distintas			TOTAL	Parâmetros estatísticos
	Discriminação de falante macaubense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Macaúbas	Discriminação de falante macaubense a partir de estímulos gravados por locutores nativos de localidades distintas de Macaúbas	Não discriminação de falante macaubense a partir de estímulos gravados por locutores nativos de Macaúbas ou gravados por nativos de localidades distintas de Macaúbas		
Com palatalização	25 (28,4%)	55 (62,5%)	8 (9,1%)	88	$\chi^2 = 0,113$ $p = 0,95$ (ns) Obs: (ns) = não significativo
Sem palatalização	27 (30,7%)	54 (61,4%)	7 (7,9%)	88	
TOTAL	52 (29,5%)	109 (62%)	15 (8,5%)	176	

Fonte: elaboração própria

Conforme apresentado na tabela 1, o valor de p obtido igual a 0,95, não significativo, atesta que os juízes macaubenses são indiferentes ao estímulo com a consoante com e sem palatalização na tarefa de discriminar se um estímulo é proveniente de um falante natural de Macaúbas ou não. Observa-se que, diante de um estímulo com a oclusiva palatalizada, 62,5% (55 das 88) das respostas dadas pelos juízes indicam que o estímulo com consoante palatalizada é de um falante de Macaúbas, mesmo que, efetivamente, o locutor do áudio apresentado seja nativo de outra localidade, (Salvador/Ba e Vitória da Conquista/Ba).

Por sua vez, a variante não palatalizada provoca taxa de discriminação de falantes macaubenses quase equivalente à variante palatalizada: dos 88 estímulos apresentados com a consoante não palatalizada, 54 respostas dadas pelos juízes a esses estímulos, 61,4%, portanto, discriminam como fala pertencente a um macaubense, apesar de os áudios serem de brasileiros de outras localidades (Euclides da Cunha/Ba e Recife/Pe).

A indiferença dos juízes ao tipo de consoante do estímulo ao discriminar um falante macaubense persiste mesmo quando se tem a discriminação de um macaubense a partir de um estímulo proveniente, de fato, de um nativo de Macaúbas. Intrigantemente, de um modo geral, os juízes macaubenses tendem a discriminar menos um falante nativo de Macaúbas quando o estímulo é gravado por um falante efetivamente macaubense. Para além disso, verifica-se igualmente um certo equilíbrio neste tipo de discriminação a partir de estímulo com consoante palatalizada (28,4%) e da consoante não palatalizada (30,7%). Esses dados mostram que o fato de um estímulo ter a consoante oclusiva ou africana, não constitui um critério importante na discriminação de um falante como pertencente ou não à comunidade linguística de Macaúbas.

Esses dados evidenciam a independência entre as variáveis — presença/ausência de palatalização e a taxa de discriminação de falantes macaubenses — o que é ratificada pelo baixíssimo valor de $\chi^2=0,113$ (cf. Tabela 1). A proximidade desse índice com o zero demonstra que a variação entre os grupos de respostas é estatisticamente desprezível. Desse modo, confirma-se que a palatalização das oclusivas e a percepção dos juízes são variáveis independentes, o que indica que esse traço fonético não atua como fator determinante na identificação do falante nativo.

Dessa forma, pode-se afirmar, que os juízes macaubenses, enquanto falantes da comunidade linguística macaubense, ignoram certos traços fonéticos reais, como defende Preston (1989). Há, nesse caso, uma certa neutralidade atitudinal, conforme linha de raciocínio de Alkmin (2001), uma vez que a (não)palatalização não constitui um traço mais proeminente do que outros traços dialetais, algo como a entonação ou o léxico, resultando em uma autopercepção de que o dialeto local independe desse alofone.

Os dados até aqui apresentados permitem, portanto, aventar a possibilidade de haver uma certa "consciência sociolinguística", na qual nem sempre há coincidência entre a produção física dos sons e sua autopercepção. Dessa forma, com base em Scherre (2005), pode-se afirmar que o fato de o falante macaubense ser indiferente à (não)palatalização da oclusiva, significa que ele não percebe esse traço fonético como marca própria de seu falar, porque, talvez, ele tenha uma "norma subjetiva" que neutraliza esse traço, norma essa provavelmente baseada em um falar considerado mais privilegiado que outro. Com base nisso, ele ouve o som, mas não o "etiqueta" como regional, como pertencente ao seu falar.

Até aqui foi possível verificar que nenhuma das variantes da oclusiva, palatalizada ou não, é preferida pelos juízes macaubenses na tarefa de autopercepção. Atestou-se também que a taxa de discriminação de falantes macaubenses a partir de estímulos gravados efetivamente por macaubense é inferior à taxa de discriminação de falantes macaubenses obtida a partir da apresentação de estímulos gravados por falantes de outras localidades. Diante dessa constatação, passa-se a investigar qual ou quais falar(es) dentre as demais localidades utilizadas nesta pesquisa (Vitória da Conquista/Ba e Salvador/Ba, falares aqui caracterizados com variante com palatalização da oclusiva; Euclides da Cunha/Ba e Recife/Pe, falares caracterizados como variante não palatalizada) provoca(m) maior taxa de discriminação de falante macaubense por parte dos juízes macaubenses. Dessa forma, busca-se verificar se os juízes macaubenses são capazes de discriminar dentre os estímulos que lhes foram apresentados de outros falares com e sem palatalização qual é o estímulo produzido que eles julgam ser produzido por um conterrâneo seu.

A autopercepção dialetal de falantes macaubenses para além do [t]/[tʃ] e do [d]/[dʒ]:

Os dados apresentados na tabela 1 mostram que os juízes macaubenses não possuem, de um modo geral, uma preferência significativa por uma ou outra variante da oclusiva alveolar antes [i] ao discriminar falantes nativos de Macaúbas, tampouco não são capazes de ter maior acurácia na discriminação de seu dialeto quando o estímulo é produzido por um falante nativo de sua região.

Contudo, como é possível verificar nas tabelas 2 e 3, apresentadas a seguir, ao isolarmos as taxas de discriminação do dialeto macaubense considerando a localidade do locutor dos estímulos e a sua realização da consoante oclusiva alveolar, com ou sem palatalização, é possível verificar um comportamento de discriminação que não segue, em determinadas condições experimentais, a neutralidade e a indiferença às alofonias das oclusivas alveolares diante de [i] como se atestou até aqui.

Na tabela 2, na qual se avalia as frequências absolutas e os percentuais de discriminação de respostas dadas por juízes macaubenses nas tarefas de discriminação de falantes macaubenses a partir da audição de estímulos exclusivamente dotados de oclusivas com palatalização, condição experimental 1, como descrito na metodologia; bem como se avalia a condição experimental 2, qual seja, todos os estímulos apresentados dotados de oclusivas sem palatalização, os dados ali dispostos revelam tendências que sinalizam uma autopercepção dialetal que está para além da materialidade fonética consonantal de ter ou não palatalização.

Tabela 2. Frequências absolutas e percentuais de respostas dadas por juízes macaúbenses nas tarefas de discriminação de falantes macaúbenses a partir da audição de estímulos com palatalização das oclusivas /t,d/ antes de [i] produzidos por locutores nativos de Macaúbas e nativos de localidades distintas

Discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos com oclusiva palatalizada gravados por locutores nativos de Macaúbas, Salvador e Vitória da Conquista				TOTAL	Parâmetros estatísticos
Discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Macaúbas	Discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Salvador	Discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos gravados por locutor nativo Vitória da Conquista	Não discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos gravados por locutores nativos de Macaúbas ou gravados por nativos de localidades distintas de Macaúbas		$\chi^2 = 4,54$ $p = 0,3$ (ns) ⁷
11 (25%)	11 (25%)	16 (36,4%)	6 (13,6%)	44	
Discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos com oclusiva não palatalizada gravados por locutores nativos de Macaúbas, Euclides da Cunha e Recife					
Discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Macaúbas	Discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Euclides da Cunha	Discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos gravados por locutor nativo Recife	Não discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos gravados por locutores nativos de Macaúbas ou gravados por nativos de localidades distintas de Macaúbas		$\chi^2 = 10,72$ $p = 0,01$ (s) ⁸
8 (18,2%)	15 (34,1%)	17 (38,6%)	4 (9,1%)	44	

Fonte: elaboração própria

Obs: (ns) = não significativo; (s) = significativo

De acordo com os dados apresentados na tabela 2, verifica-se que a discriminação do falante macaúbense pelos juízes da pesquisa, a partir de estímulos caracterizados pela presença exclusiva das oclusivas alveolares palatalizadas não mostrou sofrer influência significativa de um ou outro falar, pois o valor de p obtido igual a 0,3, maior que 0,05, é,

portanto, não significativo.

Ainda com base na tabela 2, pode-se afirmar que o juíz da pesquisa é pouco sensível a palatalização oriunda do dialeto macaúbense, sendo esse falar responsável por apenas 25% de discriminação, exatamente igual à taxa de discriminação alcançada pelos juízes tendo por base o falar de Salvador. Por outro lado, o falar de Vitória da Conquista apresenta taxa de discriminação 11% superior às taxas de Macaúbas e Salvador, o que evidencia que o juíz macaúbense, em sua autopercepção, identifica-se um pouco mais com o falar conquistense do que com o falar de um próprio conterrâneo.

Esse achado é bastante relevante e reflete o efeito de cidade polo que Vitória da Conquista exerce nos municípios circunvizinhos. Moradores de Macaúbas têm suas vidas ancoradas nessa cidade e por isso essa cidade é para os macaubenses mais que uma cidade próxima. Se, por um lado, a presença da variante da oclusiva palatalizada nos estímulos oriundos de Salvador e de Vitória da Conquista não mostrou exercer influência significativa na discriminação do falar macaúbense, por outro, a presença da variante da oclusiva não palatalizada mostrou exercer, nessa tarefa, influência significativa com valor de $p = 0,01$. E, ao olhar detidamente para as taxas dispostas na tabela 2, verifica-se que o estímulo não palatalizado proveniente de um falante natural de Macaúbas é o que menos contribuiu na discriminação de um falante dessa cidade baiana. Em apenas 18,2% dos casos esse estímulo levou os juízes a discriminar um falante natural de Macaúbas como tal.

Para além disso, é importante olhar para o equilíbrio entre as taxas de discriminação obtidas a partir dos estímulos provenientes de nativos de Euclides da Cunha e Recife, 34,1% e 38,6%, respectivamente, pois constitui uma pista robusta para a compreensão do papel da variante não palatalizada na autopercepção dos juízes. Esses dois dialetos se caracterizam por terem uma realização bem proeminente da oclusiva alveolar perto do [i], como evidencia a validação acústica dos estímulos como descrito na metodologia, no item (ii). A soma das taxas de discriminação obtidas através desses falares é superior a 70%. Em contrapartida, somente 9,1% das escutas realizadas não conseguiram atribuir aos áudios sem palatalização a falantes macaubenses.

Esse cenário evidencia que os juízes da pesquisa tendem a reconhecer melhor seu dialeto nos estímulos sem a palatalização, fato que é endossado ao se avaliar os valores de χ^2 apresentados também na tabela 2. O valor do χ^2 alcançado na análise da não palatalização, 10,72, é mais que o dobro daquele alcançado na análise do efeito da palatalização, qual seja 4,54. Considerando que esse parâmetro estatístico registra a força de associação entre duas variáveis, pode-se, pois, afirmar que, dentro do delineamento aqui desenvolvido, a variável da consoante não palatalizada tem maior impacto no processo de discriminação do dialeto macaúbense do que a sua realização palatalizada.

Em contextos de estímulos homogêneos, todos com a consoante palatalizada ou todos com a consoante não palatalizada, conforme as condições experimentais 1 e 2 discutidas até este ponto, tem-se que a variante não palatalizada contribuiu significativamente na discriminação do dialeto macaúbense. Para além disso, é importante avaliar a tarefa de discriminação quando os juízes estão diante de estímulos mistos, tais como os das condições experimentais 3 e 4, cujos resultados são apresentados na tabela 3.

Tabela 3. Frequências absolutas e percentuais de respostas dadas por juízes macaúbas nas tarefas de discriminação de falantes macaúbas a partir da audição de estímulos com palatalização das oclusivas /t,d/ antes de [i] produzidos por locutores nativos de Macaúbas, Salvador e Vitória da Conquista; e por estímulos com a não palatalização de /t,d/ antes de [i] produzidos por locutores nativos de Macaúbas, Euclides da Cunha e Recife

Discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos com palatalização gravados por locutores nativos de Salvador e Vitória da Conquista e a partir de estímulos sem palatalização gravados por locutores nativos de Macaúbas				TOTAL	Parâmetros estatísticos
Discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Macaúbas	Discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Salvador	Discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos gravados por locutor nativo Vitória da Conquista	Não discriminação de falante macaúbense a partir de estímulos gravados por locutores nativos de Macaúbas ou gravados por nativos de localidades distintas de Macaúbas		
12 (27,3%)	9 (20,5%)	20 (45,5%)	3 (6,7%)	44	$\chi^2 = 13,63$ $p = 0,00(s)$

Discriminação de falante macaubense a partir de estímulos sem palatalização gravados por locutores nativos de Euclides da Cunha e Recife e a partir de estímulos com palatalização gravados por locutor de Macaúbas					
Discriminação de falante macaubense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Macaúbas	Discriminação de falante macaubense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Euclides da Cunha	Discriminação de falante macaubense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Recife	Não discriminação de falante macaubense a partir de estímulos gravados por locutores nativos de Macaúbas ou nativos de localidades distintas de Macaúbas		$\chi^2 = 13,43$ $p = 0,00(s)$
8 (18,2%)	15 (34%)	17 (38,6%)	2 (4,5%)	44	

Fonte: elaboração própria

Obs: (s) = significativo

A condição experimental de estímulos mistos (condições 3 e 4) revela um processo de discriminação dialetal mais complexo e bastante intrigante. Conforme se verifica na tabela 3, na condição experimental de estímulo misto, em que o dialeto de Macaúbas é apresentado tanto com consoante palatalizada quanto com consoante não palatalizada em oposição a outros falares, tem-se, que nas duas situações, esses estímulos são os que menos contribuem na discriminação dos áudios como pertencentes à Macaúbas (27,3% quando o dialeto é não palatalizado em contraste com outros dialetos palatalizados; e 18,2% no outro contexto- palatalizado - diante de outros dialetos não palatalizados).

Esses resultados de menor discriminação do dialeto macaubense a partir de estímulo macaubense não são aleatórios e não são consequências do acaso, isso porque os valores de p alcançados em ambas as situações são menores que 0,05 ($p < 0,01$). Assim, as taxas de discriminação encontradas têm altas probabilidades de estarem associadas às variantes das oclusivas alveolares investigadas.

Feitos esses importantes destaques, os dados da tabela 3 reforçam o papel da cidade de Vitória da Conquista na autopercepção dialetal dos juízes macaubenses, já sinalizado na tabela 2. Porto, Santana Júnior e Nascimento (2017) demonstram a importância de Vitória da Conquista nas cidades de suas áreas de influência. Para esses autores, a cidade baiana vem se destacando no seu papel de rede urbana no interior da

Bahia. Assim, a cidade constitui um polo regional no sudoeste do estado, sendo centro de educação, saúde e serviços, o que, obviamente atrai cidadãos das áreas sob sua influência, o que inclui Macaúbas. Nesse sentido, essa cidade do sudoeste da Bahia funciona como centro econômico, cultural e linguístico. Dessa forma, a mobilidade que existe entre Macaúbas e Vitória da Conquista favorece a difusão de traços linguísticos (Lucchesi, 2015; Faraco, 2016), o que explica o reconhecimento, por parte dos juízes macaubenses, da variante palatalizada de um conquistense como pertencente ao seu dialeto em detrimento da variante não palatalizada proveniente de um macaubense nativo.

Partindo do que foi posto nos parágrafos anteriores, pode-se supor que a variante palatalizada da consoante alveolar antes de [i] seria aquela com a qual o macaubense melhor identifica como pertencente ao seu dialeto. Contudo, os dados ainda expressos na tabela 3 revelam que a variante não palatalizada, nesse mesmo contexto vocálico, também tem uma influência relevante na discriminação dialetal aqui investigada. Os juízes macaubenses, quando diante de uma produção palatal produzida por um conterrâneo, tendem a elegê-la com menor frequência como uma produção típica de seu dialeto (18,2%) se comparada com as taxas obtidas quando realizam a tarefa de discriminação tendo por base um estímulo não palatalizado produzido por falantes nativos de outras regiões.

As taxas de discriminação de falante macaubense a partir de estímulos gravados por locutor nativo de Euclides da Cunha (34%) e por locutor nativo de Recife (38,6%) revelam a grande relevância da variante não palatalizada da oclusiva alveolar na autopercepção dos juízes macaubenses, revelando que eles não são indiferentes ao modo de falar de sua região no que se refere à não palatalização da oclusiva alveolar diante de [i]. A consciência linguística de que o seu falar tem esse traço fonético é tão evidente que as taxas de discriminação a partir dos estímulos de dois dialetos que tem a não palatalização prototipicamente estabelecida são equilibradas entre si, mesmo sendo um dos estímulos não palatalizado pertence a um falar de uma região de outro estado e bem distante como o é Recife. Esse dado revela que essa variante constitui um traço fonético importante no sentimento de pertencimento dessa comunidade linguística.

Os valores de χ^2 apresentados na tabela 3 constituem pistas robustas que sinalizam o que os sujeitos macaubenses transitam de forma equilibrada entre a discriminação da variante palataliza e não palatalizada no reconhecimento de seu dialeto. Ambas as variantes

têm força de associação com valores muito próximos, haja vista que para a variante palatalizada o valor de χ^2 é 13,63 e para a variante não palatalizada é 13,43. Assim, definitivamente o macaubense não parece preferir uma outra variante como específica do seu falar.

Assim, diante do que foi discutido, pode-se afirmar que os alofones palatalizado e não palatalizado que coocorrem no falar de Macaúbas, como registram Reis e Pacheco (2024), constituem duas variantes linguísticas importantes no processo de autorreconhecimento dialetal e que cada uma delas cumpre um papel diferente nesse processo: a variante palatalizada reflete a mobilidade linguística a que a comunidade de Macaúbas está sujeita, ao passo que a variante não palatalizada marca um falar que testifica um certo pertencimento linguístico. Ao reconhecer as duas variantes como pertencente ao dialeto de Macaúbas, os juízes sinalizam que ambas as formas existem sem qualquer preconceito para uma ou outra variante.

Considerações Finais

Considerando a pergunta norteadora deste estudo, pode-se afirmar que os juízes macaubenses não demonstraram preferência categórica por apenas uma das variantes investigadas na tarefa de discriminação dialetal. Embora os resultados gerais revelem que as variantes palatalizada e não palatalizada das oclusivas /t,d/ antes de [i] não constituem, isoladamente, pistas robustas para o reconhecimento do falar macaubense, os dados também evidenciam que a variante não palatalizada exerce papel significativo em determinadas condições experimentais, especialmente quando contrastada com estímulos de outros dialetos marcados pela palatalização. Nesse sentido, a hipótese inicialmente levantada — de que a variante não palatalizada seria percebida como mais representativa do falar local — foi parcialmente confirmada, uma vez que os juízes tenderam a associar com maior frequência estímulos não palatalizados ao dialeto macaubense, ainda que produzidos por falantes de outras localidades.

Ademais, os resultados demonstram que a autopercepção dialetal dos macaubenses não se ancora exclusivamente na materialidade fonética da (não) palatalização, mas também em fatores sociolinguísticos mais amplos, relacionados à circulação, ao contato linguístico e às relações de influência regional. A forte associação

estabelecida pelos juízes entre o falar conquistense e o falar macaubense evidencia o papel de Vitória da Conquista enquanto polo regional de referência econômica, cultural e linguística, favorecendo processos de aproximação e compartilhamento de traços dialetais. Por outro lado, a recorrente associação entre os estímulos não palatalizados e o falar macaubense revela que essa variante ainda funciona como importante marcador de pertencimento linguístico local.

Portanto, os dados desta pesquisa indicam que as variantes palatalizada e não palatalizada coexistem no imaginário linguístico dos falantes macaubenses como formas legítimas de realização do próprio dialeto, cada uma cumprindo funções distintas no processo de autopercepção: enquanto a palatalização parece refletir dinâmicas de mobilidade e contato dialetal, a não palatalização permanece associada a um sentimento mais prototípico de identidade linguística local. Esses resultados reforçam a importância de investigações perceptuais nos estudos sociofonéticos, sobretudo em comunidades marcadas pela coexistência de variantes fonéticas socialmente significativas.

Referências

- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (org.). **Gramática do Português Falado, v. VIII: Novos Estudos Descritivos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 557-602.
- ALKMIN, T. A. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 57-83.
- AYRES, M.; AYRES JÚNIOR, M.; AYRES, D. L.; SANTOS, A. de A. dos. **BioEstat 5.0: aplicações estatísticas nas áreas das ciências biológicas e médicas**. Belém: Sociedade Civil Mamirauá, 2007.
- BATTISTI, E.; HERMANS, B. A palatalização das oclusivas alveolares: propriedades fixas e variáveis. **Alfa**, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 279-288, 2008.
- BARRERA PARDO, D. VOT of voiceless plosives by Western Andalusian Spanish young speakers. **Philologia Hispalensis**, v. 36, n. 1, p. 203-226, 2022.
- BATTISTI, E.; HERMANS, B. Palatalização no português brasileiro e nas línguas do mundo: motivação estrutural, seleção de gatilhos e alvos. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 32, n.1, p. 61-75, jun. 2016.

BRAGA, E. V. **Blend, “a mistura que todo mundo gosta!”: uma blendescrição do processo no léxico do português brasileiro**. 2023. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.

CAGLIARI, L. C. **A palatalização em português: uma investigação palatográfica**. 1974. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1974.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARDOSO, B. C. dos S. Os falares de São Luís (MA) e Belém (PA): uma análise perceptual. **Afluente**, Maranhão, v.6, n.19, p. 146-173, jul./dez. 2021.

CARDOSO, D. P. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. Rio de Janeiro: Blucher, 2014.

CARMO, P. M. O.; BAIA, M. F. A. A palatalização no falar de Macaúbas-BA. In: VIII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 2014, Vitória da Conquista. **Anais [...]**. Vitória da Conquista: UESB, 2014. p. 301-306.

CARVALHO, M. P. de; ROCHA, P. G. da. O teu sotaque é bonito ou feio? Um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas de alunos do ensino médio do IFMS de Nova Andradina/MS. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 20, n. 2, p. 11-26, 2020.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (org.). **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell, 1995. p. 245-306.

CRISTÓFARO SILVA, T.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D.; NASCIMENTO, K. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, 2012.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of sociolinguistics**, Hoboken, v. 12, n.4, p. 453–476, 2008.

ENÉAS FILHO, J. **Características acústicas das oclusivas em falantes do português brasileiro com e sem uso profissional da voz**. 2024. 74 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

FARACO, C. A. **Linguagem e sociedade: questões de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

HORA, D. da. **A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear**. 1990. 292 f. Tese (Doutorado em Letras – Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 1990.

HORA, D. da. A palatalização das oclusivas dentais: uma abordagem não linear. **DELTA**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 175-193, 1993.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEITE, C. M. B. **Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco**. 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MOTA, J.; ROLLEMBERG, V. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, D. (Org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 131-140.

NUNES, V. G. Fonologia e variação: aplicação ao ensino. In: KAILER, D. A.; MAGALHÃES, J.; DA HORA, D. (orgs). **Fonologia e variação: diretrizes para o ensino**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 57-83.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OUSHIRO, L. Avaliações e percepções sociolinguísticas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.50, n.1, p.318-336, 2021.

PACHECO, V. Sílabas, variação e ensino. In: KAILER, D. A.; MAGALHÃES, J.; DA HORA, D. (orgs). **Fonologia e variação: diretrizes para o ensino**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 57-83.

PELAYES, G. T. **A palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ no município de Santana do Ipanema, Alagoas**. 2022. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

PINTO, C. S. R. de O. **Brasiliense tem sotaque? Estudo sobre a percepção da identidade linguística do falante de Brasília**. 2014. 17 f. Monografia (Graduação em Letras – Português) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PORTO, L. R.; SANTANA JÚNIOR, G.; NASCIMENTO, H. M. Rede urbana do estado da Bahia: o caso de Vitória da Conquista (BA). **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**, Salvador, v. 2, n. 37, p. 82-110, 2017.

PRESTON, D. R. **Perceptual dialectology: nonlinguists' views of regional dialects**. London: Edward Arnold, 1989.

RAMOS, J. M. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 103-125, 1997.

REIS, C.; MALTA, I.; PAIXÃO, C. A africada. **Revista Letras**, Curitiba, n. 93, p. 152-170, 2016.

ROCHA, W. J. C.; PACHECO, V. Entre sibílios e chiados do /s/ em coda silábica: um estudo sociofonético de percepção dialetal na Bahia. **Organon**, Porto Alegre, v.37, n.73, p. 80-101, 2022.

SEARA, I. C.; SOSA, J. M. A identidade dialetal do “manezinho” com foco em características entonacionais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 52, n. 1, p. 51-57, jan.-mar, 2017.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

REIS, S. R.; PACHECO, V. Percepção do falar macaúbense: o papel da (não)palatalização. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 2024, Vitória da Conquista. **Anais do XXVIII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica**. Vitória da Conquista: UESB, 2024. p.1-5.

SILVA, M. R.; GOMES, A. A. O papel das atitudes linguísticas nos estudos variacionistas e de contato dialetal no PB. **Revista Alfal**, v. 12, n. 1, p. 53-70, 2020.

SILVA, H. C. da; AGUILERA, V. de A. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014.

SMITH, I.; FOULKES, P.; SÓSKUTHY, M. Speaker identification in whisper. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 52, n. 1, p. 5-14, 2017.

THOMAS, E. R. **Sociophonetics: an introduction**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

Sobre as autoras

Sidélia Rêgo Reis

Orcid: <http://orcid.org/0009-0007-7625-687X>

Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduada em Letras Vernáculas (Português e Respectivas Literaturas) pela UESB. Desenvolve pesquisas na área da Linguística, com interesse em estudos da língua portuguesa e suas manifestações linguísticas.

Vera Pacheco

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7986-7701>

Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pós-doutorado pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara). Professor pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atua na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, desenvolvendo pesquisas principalmente em análise acústica, percepção da fala, prosódia, teorias fonológicas, alfabetização e leitura.